

APENAS R\$ 39,90/mês

ASSINE A OESTE

S&P 500 Index	US 100 Cash CFD	EUR to USD	Bitcoin	Ethereum	S&P 500 Ind
6,594.4	24,463.1	1.15627	111,096	3,945.7	6,594.4
-54.00 (-0.81%)	-265.50 (-1.07%)	-0.00 (-0.06%)	-4,169.00 (-3.62%)	-298.60 (-7.04%)	-54.00 (-0.81%)

🏠 > Artigos > Edição 291 > Belém e a Viagem Philosophica



Foto: Shutterstock

| EDIÇÃO 291

Belém e a Viagem Philosophica

Por três séculos, Belém foi o coração da ciência na Amazônia e da botânica no Brasil. Não é mais. Belém, com seu glorioso e ignorado passado, será sede da COP 30



EVARISTO DE MIRANDA 10 out 2025 - 10h33

a -A +





*Virtud es conocer esas yerbas,
según yo me voy imaginando,
algún dia será menester
usar de ese conocimiento.*
Don Quijote de la Mancha (I,10)
Miguel de Cervantes

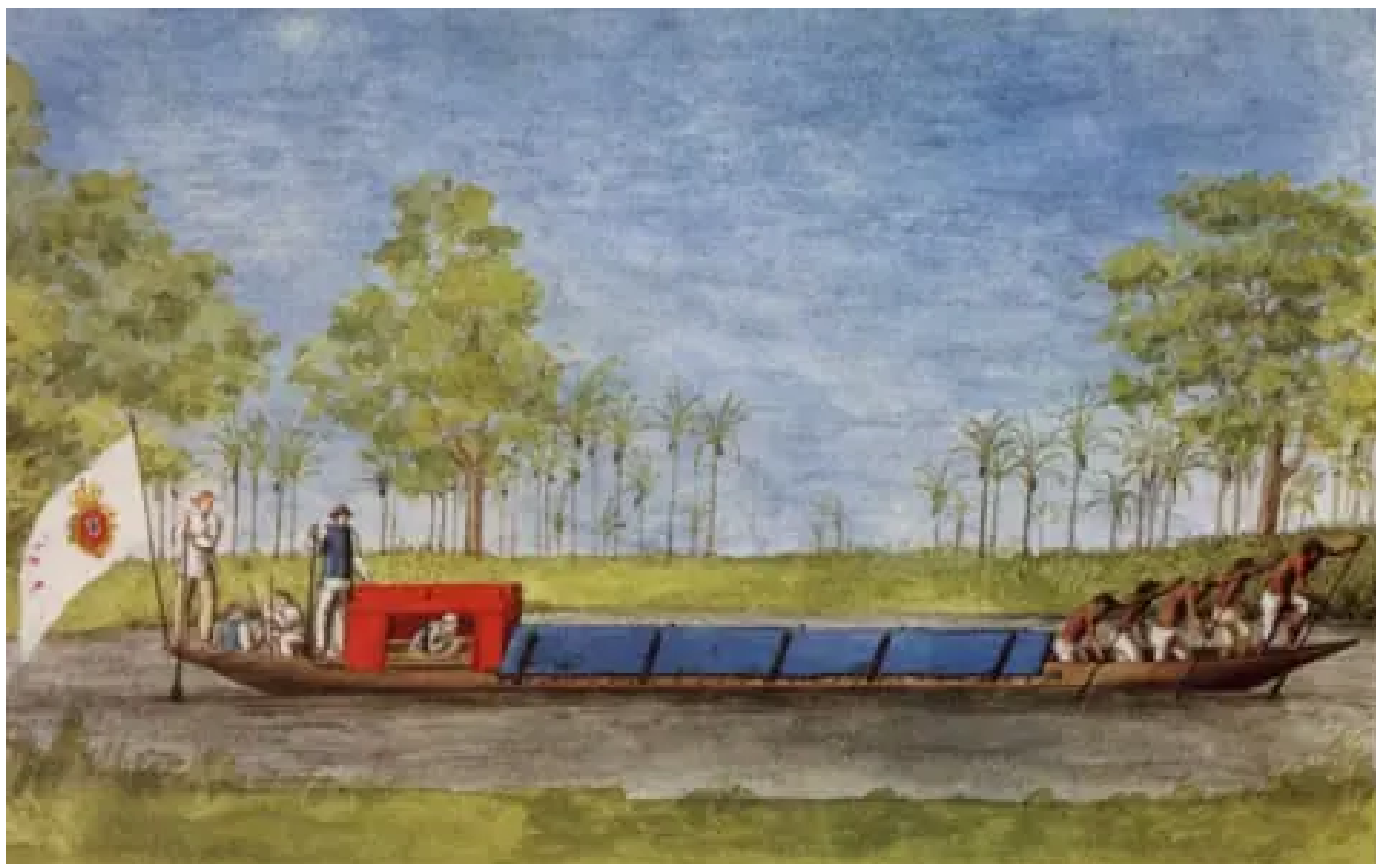
As águas do oceano mudaram de cor. Deixaram o azul celeste colado aos céus. Cobriram-se de um manto marrom. O veleiro Águia Real e Coração de Jesus, com seu grande porão abarrotado de volumes, navegava lentamente nesse mar de águas doces. Na ponta da proa, o cientista baiano **Alexandre Rodrigues Ferreira** aguardava impaciente algum sinal da cidade de Belém. Os ventos não eram favoráveis. O Brasil e o Grão-Pará estavam próximos. As águas do Amazonas invadindo o Atlântico por centenas de léguas eram a maior certeza. Logo, a silhueta do Forte do Presépio e a de Belém, iluminadas pelo sol equatorial, emergiram no horizonte. Alívio.

Ele saíra de Lisboa no 1º de setembro do ano da graça de 1783 e estava há 50 dias no mar oceano. Há 15 anos, deixara a Bahia para estudar em Portugal. Obtivera o doutorado na Faculdade de Filosofia Natural, em 1779. Solteiro, com 27 anos, agora sua missão era explorar a Amazônia numa expedição científica, quase 150 anos após a saga de **Pedro Teixeira** (Revista **Oeste**, edições **257** e **259**). Trazia muitos livros, um mapa completo do rio Amazonas e 17 volumes com 424 itens de equipamentos.

Influenciaram em sua formação Domingos Vandelli e Giovanni Da Rella, botânicos e professores de ciências naturais da Universidade de

economia. Sobre o sentido prático da botânica, ele afirmou: *A mim, nenhum obséquio faz à filosofia, quem a estuda por deleitável (...) o grau de aplicação que merece uma ciência mede-se pela sua utilidade.*

além-mar. Expedições filosóficas lusitanas ocorreram no século 18, através de viagens científicas ao Brasil, Angola, Moçambique, Goa e Cabo Verde, Cabo da Boa Esperança, Melinde e Calicute. Em Belém, sua primeira impressão, enviada ao Ministro, foi: *A terra em si, Senhor Excelentíssimo, é um paraíso; aqui mesmo são tantas as produções que eu não sei a que lado me volte.*



Alexandre Rodrigues Ferreira descreveu o Brasil do século 18 como um paraíso em sua célebre Viagem Philosophica | Foto: Wikimedia Commons

Era um paraíso inculto. Por mais de três séculos, os portugueses introduziram muitas espécies vegetais no Brasil: cana-de-açúcar, algodão, manga, bananas, carambola, melão, melancia, arroz, feijão, trigo, aveia, sorgo, uva, coco, figo, fruta-pão, jaca, laranjas, limão, limas, tangerinas, tamarindo, café, cravo, canela, pimenta-do-reino, chá, biribá, gengibre, romã, inhame, amoras, nozes, morangos, maçãs, peras, pêssegos, sapotis, pinhas, graviolas..., além de hortaliças, temperos, ervas medicinais e tubérculos.

por acaso. Resultou de empenho consciente, técnicas, experimentos, avaliações e comparações de resultados. Espécies adaptadas eram muito cultivadas no Brasil em 1585, como atesta o **Tratado Descritivo do Brasil** de **Gabriel Soares de Souza**, em 250 capítulos.

A floresta amazônica foi objeto de uma exploração mais tardia, por diversas razões. Aproveitando a **União das Coroas** espanhola e portuguesa, os portugueses engajaram-se na Amazônia. Tomaram posse de grande parte da bacia, em cuja embocadura haviam consolidado seu controle. Em 1637, Pedro Teixeira, em uma expedição de 47 canoas e duas mil pessoas, explorou e mapeou a bacia do Amazonas até Quito, onde, em janeiro de 1639, concluiu sua *Relação do Rio das Amazonas*. Regressou a Belém, após mais de dois anos de viagem, com mapas, conhecimentos e informações inéditas sobre a vegetação amazônica, entre outras, do uso do látex da seringueira.

Nas décadas seguintes à saga de Pedro Teixeira, com a restauração do Trono português, separado da Espanha, a Coroa regulou a divisão da Amazônia entre as ordens religiosas por meio de cartas régias (1687-1714). Grupos de missionários espalharam missões por milhares de quilômetros pelo vale amazônico. Carmelitas, jesuítas, franciscanos e mercedários iniciaram as atividades extrativas das **drogas do sertão** com exportação regular de **pau-cravo**, cacau, castanha, copaíba, resinas aromáticas e plantas medicinais. A expedição científica de Alexandre R. Ferreira, a partir de Belém, ajudaria a descobrir e nomear plantas, animais, minerais e a cultivar o Éden amazônico.

Em 1727, o governador da Guiana Francesa Claude d'Orvilliers arrancou um marco com o escudo português plantado na fronteira. O sargento-mor **Francisco de Melo Palheta** foi mandado à Guiana, com duas missões: fazer respeitar a divisa, situada no rio Oiapoque pelo Tratado de Utrecht (1713), e obter mudas de café, ali cultivado desde 1719, apesar da proibição formal do governo francês. Cumpriu as duas. Em 1742, enviou-se de Belém a primeira amostra de café para Portugal. Em 1748, havia 17 mil pés de café no Pará.



Francisco de Melo Palheta garantiu a fronteira no Oiapoque e introduziu o cultivo do café no Brasil a partir da Guiana Francesa | Foto: Reprodução

Em 1750, o **Tratado de Madri**, firmado entre D. João V de Portugal e D. Fernando VI de Espanha, definiu os limites entre seus respectivos domínios e legitimou a posse portuguesa da bacia amazônica em direção ao Pacífico, respeitando os marcos deixados por Pedro Teixeira há mais de um século.

Para aplicar o Tratado, em setembro de 1751, chegou a Belém o irmão do marquês de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Ele redesenhou a Amazônia brasileira. Fundou a **Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão** e proclamou o **Diretório dos Índios**. Os jesuítas foram expulsos. Atividades econômicas caíram o controle do Estado. Houve decadência na produção de drogas do sertão e perda de conhecimentos acumulados sobre as plantas por jesuítas, como relatou o **padre João Daniel** (1722-1776), autor de obra enciclopédica, a “bíblia ecológica” da Amazônia.

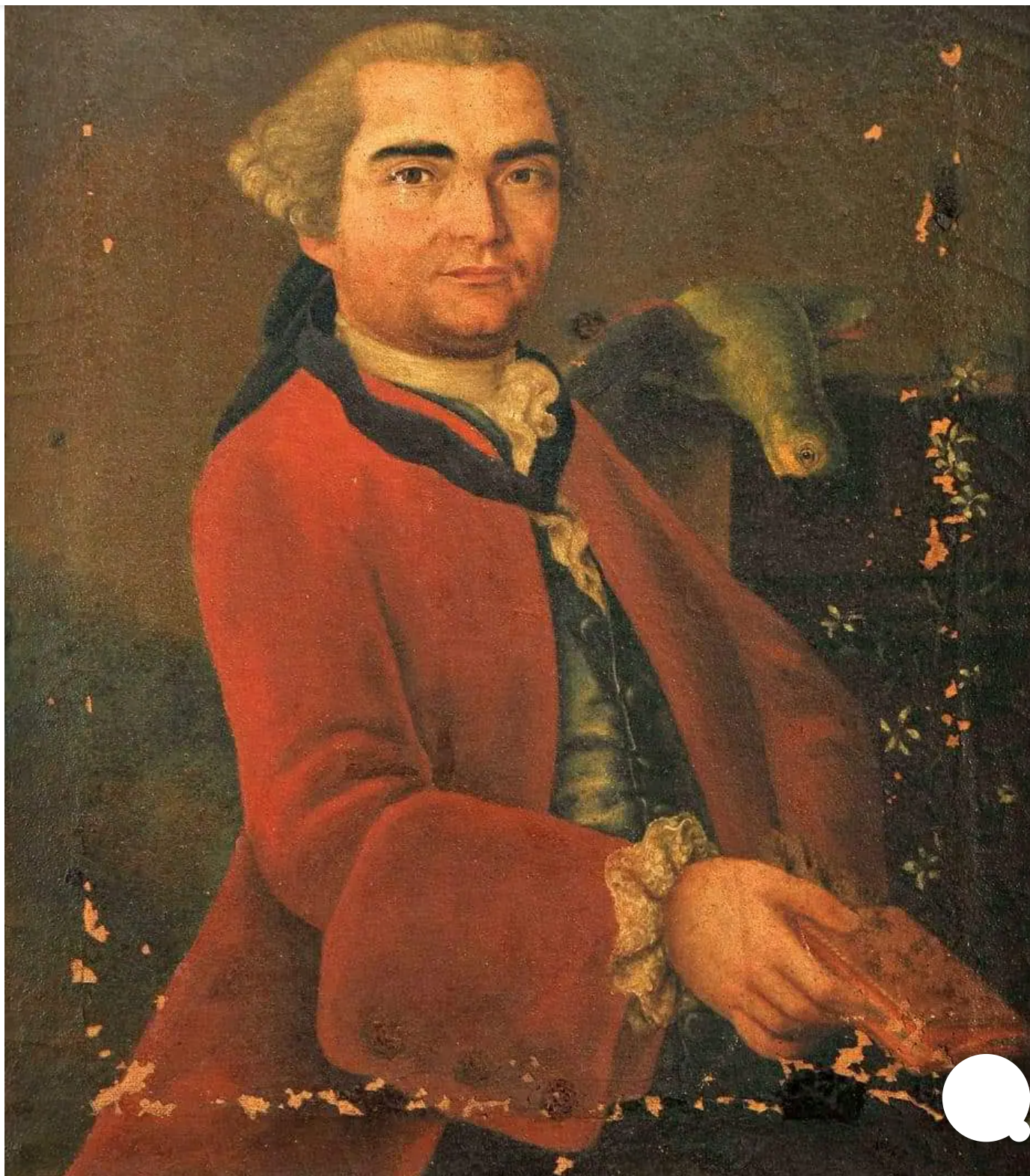
Esse era o tempo de Alexandre R. Ferreira. As fronteiras foram demarcadas. A reforma urbana favoreceu o renascimento de povoados e vilas da região. A Coroa contratou e transferiu para a Amazônia, na

botânico no **engenho Murutucu**. Deixou sua marca na cidade. Landi aguardou a chegada do naturalista Alexandre R. Ferreira, pronto para colaborar com sua *Viagem Philosophica*.

Graças aos conhecimentos acumulados e ao apoio das autoridades, entre 1783 e 1791, Alexandre R. Ferreira realizou coletas geológicas, botânicas, zoológicas e etnográficas por toda a Amazônia, até o Mato Grosso. Navegou e caminhou milhares de quilômetros. Foram dezenas de memórias, diários, mapas, tratados, centenas de ilustrações e milhares de amostras de flora e fauna enviadas ao Museu de História Natural da Ajuda em Lisboa.

Após chegar a Lisboa, em 1794, Ferreira foi encarregado do Real Gabinete de História Natural e do Jardim Botânico. Enquanto organizava os dados e o material coletado, defendeu junto à D. Maria I a criação de jardins botânicos, com objetivos agrícolas, científicos e econômicos, a começar por Belém.





Entre 1783 e 1791, Alexandre Rodrigues Ferreira percorreu a Amazônia coletando tesouros naturais e científicos para Portugal | Foto: Wikimedia Commons

Em 4 de novembro de 1796, uma Carta Régia da rainha ordenou implantar um jardim botânico em Belém do Pará. O governador executou a ordem real, escolheu local e funcionários para organizar o

plantas semelhantes em Olinda, Salvador, São Paulo, Goiás, Vila Rica e São Luís. O Jardim Botânico de Belém serviu de modelo a essa implantação. Um catálogo das plantas do Jardim de Belém foi enviado ao Governador da Bahia em 1798 para criar em Salvador um jardim semelhante. D. Maria I ao Governador do Pará retrata esse objetivo: *Ordena Sua Alteza Real que V. Sa. deixe disposto o modo porque se hão de ir sempre aumentando particularmente espécies preciosas (...) e como desses viveiros se hão de ir distribuindo para as outras Capitanias, V. Sa. deve oferecê-las aos seus respectivos governadores logo que as tenha em maior abundância.*

A saúde de Alexandre R. Ferreira declinou com a invasão bárbara de Portugal por tropas napoleônicas. O naturalista francês **Geoffroy Saint-Hilaire** solicitou a rapinagem das coleções da *Viagem Philosophica* ao marechal Junot. Ele realizou o saque para o Museu de História Natural de Paris. Alexandre R. Ferreira assistiu à brutal pilhagem de 76 mamíferos (pelo menos 15 primatas coletados por ele), 387 aves, 32 répteis, 100 peixes, 508 insetos, 12 crustáceos, 468 conchas, 59 minerais e dez fósseis, num total de 1.622 exemplares. Os seus herbários e os do frei José Velloso, com 1.114 plantas, e mais oito herbários também foram saqueados. Haja Iluminismo!

Com a Família Real no Brasil em 1808, a **rede de jardins botânicos** ganhou força, incluindo a criação do Real Horto do Rio de Janeiro. Tudo de acordo com o modelo de Belém, recebendo de lá plantas para cultivo e aclimação. Em 1809, com a tomada de Caiena pelas tropas joaninas, Portugal ganhou posse do jardim de aclimação **La Gabrielle**. Trouxe de lá variedades como a **cana-caiana** ou caiena. O primeiro envio ao Horto de Belém foi de 82 espécies, em seis caixas. Magro consolo diante do saque do Museu da Ajuda.

a exigência de “ponto” aos naturalistas. Goeldi, Orville Derby, Fritz Müller, Hermann von Ihering, Wilhelm Schwacke e Carl Schreiner se desligaram. O museu e seu acervo imperial foram republicanamente reduzidos a cinzas em 2018.

Jardins de plantas encantam desde o mítico jardim do Éden, passando pelos jardins suspensos da Babilônia, por jardins romanos, árabes e pelos passeios públicos. Os jardins e hortos botânicos surgiram na Europa e no Brasil com plantas terapêuticas, junto às faculdades de medicina, e depois com plantas de interesse comercial e econômico, cumprindo funções de aclimação de espécies entre hemisférios e continentes para *desenvolver a agricultura*.

Por três séculos, Belém foi o coração da ciência na Amazônia e da botânica no Brasil. Não é mais. Belém, com seu glorioso e ignorado passado, será sede da COP30. Em matéria de meio ambiente e ciência, o evento trará à luz o pioneirismo da *Viagem Philosophica*? Alguma “autoridade” ou participante brasileiro se preocupa com isso, além de autopromoção?

A *Viagem Philosophica* antecedeu de muito as expedições de ingleses, alemães, franceses e russos pela Amazônia. A partir de Alexandre R. Ferreira, os jardins botânicos brasileiros serviram ao desenvolvimento da botânica e da agricultura. Se a botânica moderna se iniciou com o sueco Karl von Linneu, a botânica científica brasileira foi iniciada pelo naturalista baiano Alexandre R. Ferreira. Teve como marco a *Viagem Philosophica* e como berço Belém, essa COP30.



Belém, berço da botânica científica com Alexandre R. Ferreira, volta aos holofotes para a COP30 — mas resta saber se a ciência terá voz
| Foto: Reprodução

Leia também [“Ovelhas, cordeiros e marradas”](#)

Leia mais sobre:

[COP30](#)[Império do Brasil](#)[Meio ambiente](#)[Belém](#)[Amazônia](#)[Portugal](#)

Gostei 56

Não Gostei 0



8 comentários

Comentários exclusivos para assinantes.

Obrigado, dr. Evaristo. Seus textos, como este especialmente, são sempre espetáculos de aprendizagem!!

Gustavo Amaral

12 OUT 2025 - 19:04

Cheguei a imaginar: uma palestra do Professor Evaristo, em Belém, durante a cop, mostrando esta bela história e mirando um futuro de preservação e produção. Os países do mundo reconhecendo o papel da ciência com propósito para a amazonia.

Mas aí.... vem a verdade. Um show de ataque de ong, acusando o Brasil para eles mesmos, com muita grana, tentar resolver o problema que eles mesmos criaram.

Infelizmente, “o Brasil não perde uma chance de perder uma chance.”

Luiz Marins

12 OUT 2025 - 11:34

O Dr. Evaristo é uma luz na escuridão da ignorância atual brasileira. Este texto teria que ser leitura obrigatória em todas as escolas brasileiras e universidades que hoje se afundam em discussões ideológicas.

Alice Helena Rosante Garcia

12 OUT 2025 - 08:08

Um país grande com memórias apagadas e destruídas. Uma pena.

O prof Evaristo não nos deixa esquecer essas preciosidades que devem ser amplamente divulgadas para não mais se perder

Muito obrigada

Erasmio Silvestre da Silva

12 OUT 2025 - 01:09

Ah misinguento, ele ainda diz que poucas pessoas sabem dessa história, e quem é que sabe disso, a

ser Fátima Bezerra



Mais uma vez, Parabéns Professor Evaristo !

Seus artigos sempre são uma aula única sobre este Brasil que vivemos.

Apesar da “indiferença” de muitos, o Professor se apresenta como uma luz a iluminar os dias atuais, mostrando, por meio do seu conhecimento, o que verdadeiramente ocorreu num passado não muito distante, não permitindo que se apague nossa história.

RCB

11 OUT 2025 - 12:47

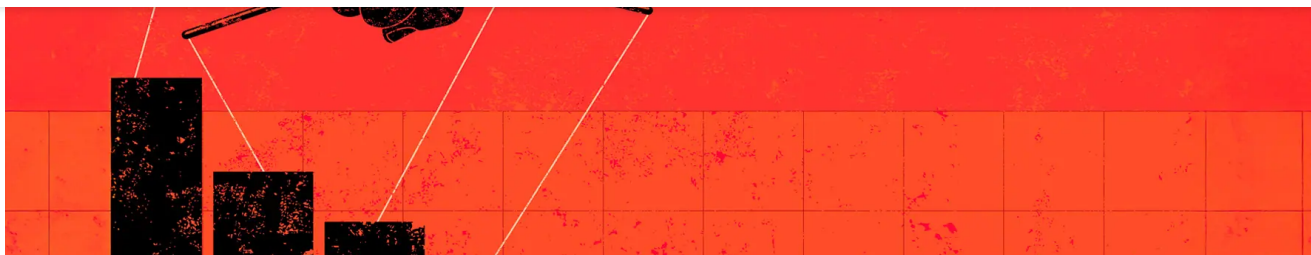
História, ciência e fé estão na origem do conhecimento e conquista de nossas riquezas que alguns teimam em entregar por “um saco de moedas”...

PAULO CÉSAR SCANAVEZ

11 OUT 2025 - 08:50

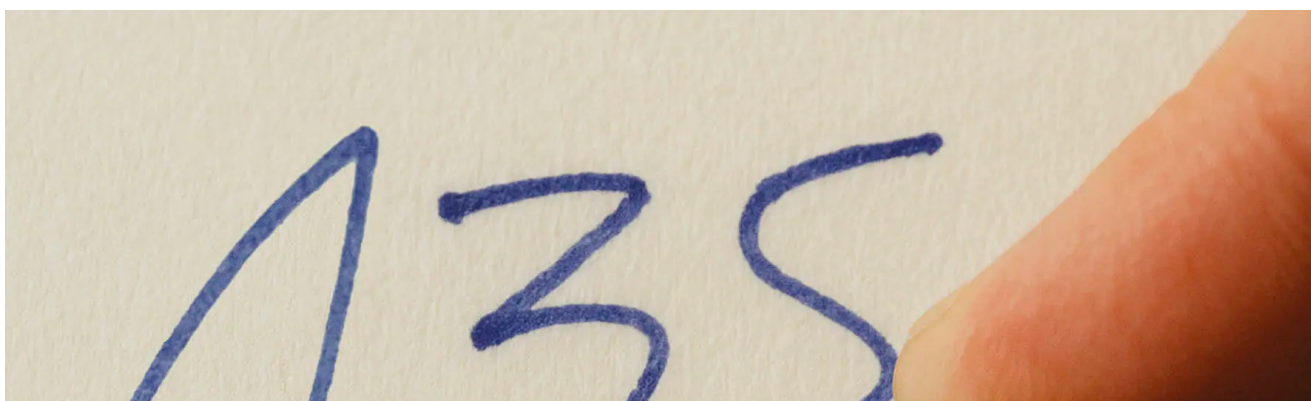
Professor Evaristo: como é bom saborear teus escritos. São dignos de um clássico. Frutos de pesquisas centenárias nas mais confiáveis fontes. Sua percepção integral das coisas seguramente advém da larga experiência acumulada ao longo dos anos de dedicação à vida. Parabéns, Oeste, por mais esse camisa 10 da cultura.





Anterior:

Por que cometer erros velhos



Próximo:

O Fator 135: a mensagem oculta nas dedicatórias de Guilherme Fiuza

PUBLICIDADE



Newsletter

Seja o primeiro a saber sobre notícias, acontecimentos e eventos semanais no seu e-mail.

Cadastrar

OESTE

A primeira plataforma de conteúdo cem por cento comprometida com a defesa do capitalismo e do livre mercado. Jornalismo de excelência, focado no que é relevante, com clareza e objetividade.

INSTITUCIONAL

EDITORIAS



Anuncie conosco

Brasil

Fale conosco

Mundo

Política de privacidade e termos de uso

Tecnologia

Agro

FAQ

Cria uma conta

Assinar a revista

 [Ir para o topo](#)

Copyright © 2025 Revista Oeste. Todos os direitos reservados. CNPJ
19.608.677/0001-35